

DEPRESSÃO PÓS-PARTO NA PERSPECTIVA FONOAUDIOLÓGICA

Caroline KEITEL – Centro Universitário FAG¹.

Ellen Naiane de Moura SANTOS – Centro
Universitário FAG².

Michelle BONES – Centro Universitário FAG³.

Karlla CASSOL – Centro Universitário FAG⁴.

RESUMO: Introdução: A depressão pré e pós-parto é um dos transtornos mentais que mais atinge as mulheres na atualidade. A gravidez consiste em um marco importante na vida da mulher atualmente, pois ela deixa alguns afazeres sociais (emprego, alguns tipos de lazer) e se dedica exclusivamente a cuidar do filho (a) pelos próximos meses, o que exige da mesma uma demanda psicológica e emocional importante para se adaptar a esse momento de transição. A incidência de depressão pós-parto tem sido alarmante nos últimos anos, alcançando 19,8% em países em desenvolvimento. **Objetivo:** analisar os efeitos negativos que a depressão pós-parto pode causar na relação do binômio mãe-bebê sob uma perspectiva fonoaudiológica. **Metodologia:** pesquisa bibliográfica descritiva, com revisão da bibliografia nacional, publicados a partir do ano de 2010 até o momento. A busca de artigos se fez no banco de dados das bases da Scielo e Portal da BVS a respeito do tema: Depressão pós-parto na perspectiva fonoaudiológica. Ao todo foram encontrados 139 artigos, sendo que 9 foram analisados e apresentados de forma descritiva. **Resultados:** Verificou-se que a depressão afeta o vínculo e o comportamento afetivo da mãe com o bebê, podendo influenciar de forma negativa nas necessidades da criança, como por exemplo, na amamentação, desordens linguísticas e sociais. **Conclusão:** Percebe-se então, a importância de identificar e tratar a depressão pré e pós-parto o mais precocemente possível, desde o pré-natal até o pós-parto, podendo assim, melhorar a relação mãe-filho na infância, evitando desordens na comunicação e socialização desses indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: Depressão pós-parto; Aleitamento materno; Desenvolvimento infantil.

¹ Acadêmica do Curso de Fonoaudiologia. Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: carol.keitel@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Fonoaudiologia. Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: ellen_nayane2010@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Fonoaudiologia. Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: michelle_b96@hotmail.com

⁴ Docente em Fonoaudiologia – Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: karlla_cassol@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A depressão pós-parto (DPP) é um dos transtornos mentais que mais atinge as mulheres na atualidade, com impacto significativo nos primeiros cuidados do bebê. A gravidez consiste em um marco importante na vida da mulher atual, uma vez que ela muitas vezes pausa seus afazeres sociais (emprego, alguns tipos de lazer) por um momento, para se dedicar exclusivamente a cuidar do seu bebê pelos próximos meses, o que exige da mesma uma demanda psicológica e emocional importante para se adaptar a esse momento de transição (POLES et al., 2018). A incidência de depressão pós-parto tem sido alarmante nos últimos anos, alcançando 19,8% em países em desenvolvimento (POLES et al., 2018). Sabe-se hoje que muitos desses quadros depressivos se iniciam ainda no período pré-natal, sendo esse um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento do quadro depressivo após o nascimento do bebê (POLES et al., 2018). Além desse fator de risco, outros como: apoio familiar e social inadequados ou inexistentes, antecedentes psiquiátricos da mulher, existência de episódios depressivos anteriores, ansiedade intensa, infertilidade, histórico de perdas gestacionais e sentimentos negativos relacionados a gestação ou ao bebê, somados as mudanças físicas e químicas que ocorrem no corpo feminino após a gravidez podem levar a mulher a ser diagnosticada com essa patologia (ABUCHAIM et al., 2016).

Os sinais e sintomas apresentados que podem servir como sinal de alerta para a possibilidade de desenvolvimento da doença são: ansiedade, irritabilidade, perda da capacidade de sentir prazer, diminuição da libido feminina, alterações no padrão de sono, cansaço e desânimos persistentes, sentimento de culpa, ideação suicida, diminuição do apetite e da cognição (ABUCHAIM et al., 2016). A mãe pode por meio desses sintomas se sentir menos confiante nos cuidados com o bebê recém-nascido, sobretudo no ato de amamentar. Tende-se a aumentar as inseguranças sobre a eficácia de sua lactação, transformando o que deve ser natural e prazeroso para a díade em algo preocupante, doloroso e desagradável para a mãe. As preocupações, a dor e o estresse podem inibir o reflexo da ocitocina, hormônio importante para que ocorra a descida do leite, podendo comprometer

significativamente a mamada, gerando um sentimento de frustração da mãe por não conseguir amamentar como gostaria (ABUCHAIM et al., 2016).

Outro fator importante que se relaciona com a depressão pós-parto é o gênero do bebê. Pesquisas apontam que mães de meninos apresentam maiores índices de estressores e sintomas depressivos do que mães de meninas. Acredita-se que isso se deve a experiências negativas vivenciadas na infância por essas mães com relação ao sexo oposto, ou ao próprio companheiro, acarretando dificuldades de se relacionar com o bebê (BROCCHI et al., 2015).

Pesquisas já realizada demonstraram a importância do contato mãe-bebê nos primeiros meses de vida, pois é através da fala, contato corporal e afetivo que a mãe conduz o bebê ao desenvolvimento comunicativo e a tentativa de diálogo. A depressão pode atingir a díade de formas variadas, dependendo da seriedade da depressão. Caso o bebê sofra negligências e/ou maus tratos na primeira infância, o mesmo pode apresentar extrema dificuldade no desenvolvimento da fala e dificuldades nos relacionamentos sociais. Contudo, sabe-se que mesmo as formas mais brandas da depressão podem levar a uma carência afetiva importante, pois o bebê é capaz de sentir as mínimas deficiências na interação com sua mãe (CARLESSO e SOUZA, 2011).

Os efeitos negativos na criança não se limitam ao atraso na linguagem, sendo que, o desenvolvimento cognitivo e o comportamental também são afetados em longo prazo, justificando assim a importância da avaliação psicológica da puérpera e o acompanhamento tanto pré-natal quanto pós-natal para que a patologia seja diagnosticada o quanto antes, minimizando assim os efeitos negativos tanto para a mãe quanto para o bebê (CARLESSO et al., 2014). Além da avaliação psicológica, estudos sugerem que altos níveis de apoio social, podem influenciar positivamente nesses quadros depressivos. Dessa forma fica evidente a necessidade de apoio a essas mulheres, que deve ser realizado por profissionais humanistas, empáticos e capacitados, assim como pela família e esposo, visando tranquilizar a puérpera e auxiliá-la nos desafios a serem enfrentados nessa fase, que é uma das mais importantes na vida da mulher (MORAIS et al., 2017). Outros

elementos como: apoio de outra mulher, boa relação conjugal, estabilidade socioeconômica e detecção precoce da depressão são considerados fatores de prevenção da DPP (ARRAIS E ARAUJO, 2017).

Devido ao alto índice de depressão pós-parto atualmente e a clara relação desta com o desenvolvimento e transtorno ligados a comunicação nas crianças cujo as mães foram afetadas, este trabalho tem como objetivo investigar na literatura a relação entre a depressão pós-parto e o aleitamento materno e o desenvolvimento infantil.

METODOLOGIA

Caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica descritiva, com revisão da bibliografia nacional, publicados a partir do ano de 2010 até o momento. A busca de artigos se fez no banco de dados das bases da Scielo e Portal da BVS a respeito do tema: Depressão pós-parto na perspectiva fonoaudiológica. Foram digitadas nas bases de dados acima os descritores: “Depressão pós-parto”, “Aleitamento materno”, “Desenvolvimento infantil” e as combinações entre eles.

A busca originou 139 artigos, e após aplicados os critérios de inclusão que contemplaram a análise do título, tema e resumo compatíveis com o objetivo deste trabalho, restaram 6 estudos. A análise dos dados foi de forma descritiva, em forma de fichamento e expostos com tabela de título, autor, ano e objetivo do artigo estudado.

RESULTADOS

Na base de dados da Scielo foram encontrados 133 resultados, dos quais 04 foram selecionados por se encaixarem no assunto proposto, sendo os demais excluídos por não cumprirem com os objetivos do estudo. Na base de dados Portal da BVS foram encontrados 06 resultados, sendo 02 selecionados e acrescentados para análise.

Os artigos analisados estão expostos na tabela abaixo:

Título	Autor (es)	Ano	Objetivo
Depressão durante a gestação e os desfechos na saúde do recém-nascido: coorte de mães atendidas em unidade básica de saúde.	THIENGO, et al.	2012	Descrever a associação entre depressão durante a gestação e os efeitos no recém-nascido (baixo peso ao nascer e prematuridade).
Análise da relação entre depressão materna e indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil.	CARLESSO, et al.	2014	Analisar as possíveis correlações entre alterações nos índices de risco ao desenvolvimento linguístico e psicológico do bebê e presença de depressão materna, em uma amostra de mães de bebês nascidos em cidade de porte médio e arredores da região central do Rio Grande do Sul.
Depressão pós-parto e habilidades pragmáticas: comparação entre gêneros de uma população brasileira de baixa renda.	BROCCHI, et al.	2015	Comparar as habilidades pragmáticas de meninos e meninas e verificar a influência da depressão pós-parto (DPP) nesse processo.
Depressão pós-parto e auto eficácia materna para amamentar: prevalência e associação.	ABUCHAIM, et al.	2016	Identificar a prevalência de sintomas de depressão pós-parto e o nível de auto eficácia para amamentar, entre puérperas atendidas num Centro de Incentivo ao Aleitamento Materno, e analisar possíveis associações.
Sintomas depressivos e de ansiedade maternos e prejuízos na relação mãe/filho em uma coorte pré-natal: uma abordagem com modelagem de equações estruturais.	MORAIS, et al.	2017	Investigar a associação entre sintomas depressivos e de ansiedade maternos e prejuízos na relação mãe/filho, em uma coorte pré-natal em São Luís, Estado do Maranhão, Brasil.
Sintomas depressivos maternos no puerpério imediato: fatores associados.	POLES, et al.	2018	Investigar a prevalência e fatores de risco para sintomas depressivos maternos no puerpério imediato.

Segundo Thiengo e colaboradores (2012), a depressão pós-parto, o uso de álcool e fatores estressantes durante a gravidez pode levar ao nascimento de bebês prematuros e com baixo peso. Sabe-se que bebês prematuros apresentam maiores chances de apresentarem incoordenação de sucção-deglutição-respiração, pois, essa se torna plenamente desenvolvida apenas na 37ª semana de gestação. Portanto, crianças expostas a DPP e outras dificuldades pré-natais têm maiores

chances de necessitar de intervenção para estimular a sucção e efetivar a amamentação.

Carlesso e Souza (2011), citam em sua pesquisa, que ao se observar crianças de 3 a 6 meses pode-se perceber que aquelas de mães deprimidas apresentam menos vocalizações quando comparadas com bebês de mães que não apresentaram depressão, além de desviarem o olhar com maior frequência e não realizarem lateralizações com a cabeça para encontrarem sua mãe. Em outras pesquisas da mesma vertente, também foram citadas alterações no desenvolvimento como: menor comportamento exploratório, percentil de peso mais baixo, sinais neurológicos leves, pouca linguagem expressiva e crianças menos cooperativas. Em longo prazo, a superficialidade da comunicação da díade e a falta de estímulos por parte da mãe pode levar a alterações de memória e aprendizado, além de prejudicar o padrão de resposta emocional dos pequenos a fatores estressantes, também pode ocasionar transtornos de conduta, comprometimento da saúde física, gerar ligações inseguras e sintomas de depressão.

A DPP pode influenciar negativamente a amamentação, podendo até mesmo ser uma das causas do desmame precoce. Isso pode gerar complicações ao bebê a curto, médio e longo prazo, uma vez que crianças de mães depressivas apresentam maiores chances de desenvolver doenças diarreicas, distúrbios nutricionais e alterações no desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional, considerando-se que a amamentação não é só a forma de nutrição do bebê, como também necessária para estreitar os vínculos entre a mãe e o bebê e uma importante forma de demonstrar afeto para com o bebê (ABUCHAIM et al, 2016). Do ponto de vista fonoaudiológico, bebês desmamados precocemente acabam por não fortalecer corretamente as estruturas do sistema estomatognático que tem por funções a sucção, mastigação, deglutição, fonação e respiração, portanto, podem ocorrer disfunções geradas por hipotonicidade dessas estruturas.

Para se comunicar nos primeiros meses de vida, o bebê se utiliza de uma linguagem pré-verbal que consiste basicamente em descargas de emoções, como o choro. As mães precisam, necessariamente, decodificar a linguagem dos bebês para

compreender o que eles necessitam ou o que querem expressar com tais emoções, sendo que, quando a mãe se encontra em estado de depressão, a mesma não consegue compreender o choro do bebê nem exercer a preocupação materna primária, tão necessária para o desenvolvimento da empatia com o bebê, tornando assim a comunicação entre eles não efetiva (CARLESSO et al, 2014).

Em um estudo realizado com mães e crianças de 3 anos, de ambos os sexos, foi analisado a interação durante brincadeiras das mães com suas crianças. Verificou-se que, as mães de meninas apresentavam mais facilidade em interagir nas brincadeiras, compartilhar ideias e reforçar comportamentos do que as mães de meninos, sendo que com o sexo oposto, as mães focavam suas atenções a brinquedos diferentes dos que estavam com os filhos, interagindo pouco na brincadeira e não reforçando as atividades (BROCCHI et al, 2015). Esse resultado gera preocupação, uma vez que como dito anteriormente, mães de meninos já possuem mais chances de desenvolver depressão pós-parto, isso somado a dificuldade de interação com os filhos posteriormente, pode agravar ainda mais as dificuldades no desenvolvimento da linguagem.

Figueiredo e coautores (2012) afirma que a amamentação pode contribuir significativamente na diminuição dos níveis de estresse e ansiedades das mães e bebês, favorecendo o desenvolvimento do vínculo materno-afetivo. Dessa forma, reforça-se a importância do incentivo a amamentação por parte de profissionais da saúde as mães, esclarecendo que desconfortos e dores são normais no início da amamentação, mas que podem e vão diminuir com o passar dos dias e que amamentar é um ato de amor essencial para a saúde do bebê e que ao mesmo tempo pode contribuir para restaurar a saúde física e psicológica da mãe.

CONCLUSÃO

A análise dos artigos deste estudo de revisão permitiu verificar que a depressão pré e pós-parto é uma patologia psicológica com grande incidência na atualidade que pode levar a dificuldades no desenvolvimento dos bebês e crianças,

sendo elas: prematuridade e baixo peso, menor comportamento exploratório, sinais neurológicos leves, pouca linguagem expressiva e crianças menos cooperativas, alterações de memória e aprendizado e desmame precoce, o que consequentemente acarreta posteriormente na criança a hipotonicidade nas estruturas orofaciais. Desta forma, é fundamental o apoio social, o apoio do companheiro, o acompanhamento multidisciplinar, orientações as mães, grupos de apoio e avaliações psicológicas durante o pré-natal afim de prevenir o desenvolvimento da DPP e quanto não for possível a prevenção, realizar diagnóstico e tratamento o mais breve possível, evitando assim maiores complicações na saúde materna que irão refletir negativamente no desenvolvimento da linguagem e comunicação dessas crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUCHAIM, E. S. V; CALDEIRA, N. T; DI LUCCA, M. M; VARELA, M; SILVA, I. A. Depressão pós-parto e autoeficácia materna para amamentar: prevalência e associação. **Acta Paul. Enferm**, São Paulo, n.6, p.664-70, Dez. 2016.

ARRAIS, A. R; DE ARAUJO, T. C. C. F. Depressão pós-parto: uma revisão sobre fatores de risco e de proteção. **Psic. Saúde & Doenças**, Lisboa, n.3, p.828-45, Dez. 2017.

BROCCHI, B. S; BUSSAB, V. S. R; DAVID, V. Depressão pós-parto e habilidades pragmáticas: comparação entre gêneros de uma população brasileira de baixa renda. **Audiol. Commun. Res.**, São Paulo, n.3, p.262-8, Set. 2015.

CARLESSO, J. P. P; DE SOUZA, A. P. R. Dialogia mãe-filho em contextos de depressão materna: revisão de literatura. **Rev. CEFAC**, São Paulo, n.6, p.1119-26, Dez. 2011.

CARLESSO, J. P. P; DE SOUZA, A. P. R; DE MORAES, A. B. Análise da relação entre depressão materna e indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil. **Rev. CEFAC**, São Paulo, n.2, p.500-10, Abr. 2014.

FIGUEIREDO, B; DIAS, C. C; BRANDÃO, S; CANÁRIO, C; NUNES-COSTA, R. Amamentação e depressão pós-parto: revisão do estado de arte. **J. Pediatr.**, Porto Alegre, n.4, p.332-8, Ago. 2013.

MORAIS, A. O. D. S; SIMÕES, V. M. F; RODRIGUES, L. V; BATISTA, R. F. L; LAMY, Z. C; DE CARVALHO, C. A; DA SILVA, A. A. M; RIBEIRO, M. R. C. Sintomas depressivos e de ansiedade maternos e prejuízos na relação mãe/filho em uma coorte pré-natal: uma abordagem com modelagem de equações estruturais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.6, e00032016, Jul. 2017.

POLES, M. M; CARVALHEIRA, A. P. P; CARVALHAES, M. A. B. L; PARADA, C. M. G. L. Sintomas depressivos maternos no puerpério imediato: fatores associados. **Acta Paul. Enferm**, São Paulo, n.4, p.351-8, jul. 2018.

THIENGO, L. D; PEREIRA, K. P; SANTOS, C. F. J; CAVALCANTI, T. M; LOVISI, M. G. Depressão durante a gestação e os desfechos na saúde do recém-nascido: coorte de mães atendidas em unidade básica de saúde. **J Bras Psiquiatr.**, Rio de Janeiro, n.4, p.214-20, Set. 2012.